

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

TIPOGRAFIA SOCORRO

FABRICA DE CARIMBOS

PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO

AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS

PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 249 — Domingo, 16 de Março de 1958

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A ACÇÃO CULTURAL DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO

FIEL aos princípios que o norteiam e estruturam a sua acção própria como organismo catalizador e animador de uma autêntica Política do Espírito prossegue o Secretariado Nacional da Informação, agora, sob a direcção do Sr. Dr. Moreira Baptista, a missão de coordenar e estimular iniciativas da mais vasta repercussão na vida mental portuguesa.

O Teatro, o Cinema, as Artes Plásticas que tanto e tanto devem ao Secretariado a possibilidade de existência de um ambiente propício ao seu despertar e à sua actual florescência, mantêm-se ao alto das preocupações deste organismo oficial.

Uma série de factos, ultimamente registados, dão-nos, claramente, o nível deste élan que é sinónimo de renovação e de confiança segura nas nossas possibilidades na esfera da criação artística.

Assim, reuniu-se, há dias, sob a presidência do novo

HOMENAGEM AO COMANDANTE CORRÊA MATOSO

E SUA ESPOSA

A casa do Algarve realiza hoje pelas 15 horas, na Sede, um almoço de confraternização algarvia dedicado a Sagres e de homenagem ao seu sócio benemérito sr. comandante José Francisco Corrêa Matoso, natural de Vila do Bispo, e a sua esposa, D. Elsa Sotomaior Matoso, patrona do Centro de Assistência Social de Sagres, recentemente inaugurado.

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Adolescente

Pentela as tranças na janela
bela das tardes mansas.

Pentela com gestos lentos e os pensamentos entela.

Desprendem-se, com ansia os olhos sem olhar.
A chuva sublinha a distância do barco que traz no mar.

Pentela as tranças...
Baila, de baite ausente,
a mão que segura o pente...

Mansa na tarde mansa.

O' mar salgado!, etc.

No alto monte do alto perigo
— largo horizonte! —
Digo adeus adeus ao meu amigo,
Solidão de água!

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

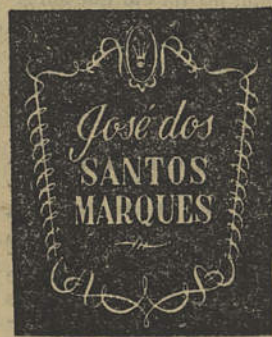
QUADRA

A UM BEIJINHO ROUBADO QUANDO É DADO COM AMOR
PENSAR SE PODE QUE É DADO POR ABELHA NUMA FLOR.

D. R.

Secretário Nacional, o Conselho de Teatro, a cujos membros o Sr. Dr. Moreira Baptista dirigiu uma breve mas expressiva saudação, salientando a esperança que acalenta de, com a colaboração e o apoio de todos, ver seguir o Teatro portu-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



apresenta

UMA CRÓNICA por semana

ESTÁ lançado o alarme motivado pela autorização concedida pelo Governo para a instalação de uma nova fábrica de pneus e câmaras de ar. Argumenta-se que a que existe basta, que trabalha apenas cinco dias por semana, acentuando-se que o faz sómente para favorecer os operários, e, sobretudo, aponta-se que o facto poderá vir a prejudicar gravemente as centenas de operários e empregados que na actual fábrica ganham o sustento próprio e dos seus e, do mesmo modo, que a região e a terra, uma vez arruinada a empresa pela concorrência da nova fábrica, deixará de caminhar na senda do progresso e desenvolvimento, como até agora tem acontecido.

São, na verdade, tais argumentos, poderosos motivos humanitários, e sociais que impressionam vivamente a opinião pública e podem, porventura, vir a ter influência em decisões governamentais. Na própria Assembleia Nacional o assunto foi já posto e apreciado.

A primeira vista parece que a razão está com aqueles — e a grande imprensa enfileira a seu lado — que defendem a tese de que a empresa actual é suficiente para abastecer o mercado. Todavia, um exame atento levar-nos-á a veri-

ficação de que, apesar da produção actual de pneus e câmaras de ar nacionais bastaram às neces-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

ALGARVE EM FLOR

Uma nata de Pétalas se estende...

AS amendoeiras floridas não constituem espectáculo exclusivo do Algarve. Em todo o país existem, mais ou menos expressivas, mais ou menos dispersas. No Norte, há uma região onde elas abundam especialmente, o que leva alguns turistas a demandá-la, nos princípios de Março. É Figueira de Castelo Rodrigo, na Beira Alta, perto da fronteira de Espanha, zona de amendoeais que se estende para o distrito de Bragança e engloba Moncorvo, Freixo de Espada à Cinta, Vila Flor e Alfândega da Fé.

Mas se não constituem, as amendoeiras em flor, exclusivo do

Algarve, exprimem, todavia, o seu maior encanto, o seu cartaz mais garrido.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO → 20 kms. O carro

"VIRTUDES E VIRTUOSES"

Agora que em Portugal a Televisão, está cada vez a grangear mais admiradores, instalando por todo o país, estações transmissoras, pessoas há, que, talvez julgando-se possuidoras da chamada «4.ª Dimensão» como previu Einstein, tentam «captar» imagens obscuras difundidas pelo «reino do Demónio» e captadas por «telespectadores» portadores de «telas» mais ou menos obscuras e insólitas.

Tal é o caso, que se está a passar na nossa vila, onde uma virtuosa mulher, dá sessões de «televisão caseira», para incredulos e fanáticos do «mundo de além».

A nosso ver, o «Santo Irmanito», como é chamada a voz profunda que os «crentes» dizem ouvir, não é culpado da multidão enorme que cerca a casa, querendo presenciar o futuro.

O que mais nos causou admiração, porque nós também parecemos nas cercanias (ver para crer como S. Tomé) foram as autoridades que estavam próximo, tentando «organizar» o trânsito, como se um grande espectáculo estivesse a decorrer.

Não haverá maneira de pôr cobro a tal indigno espectáculo, que nos nossos dias, apenas desprestigia a nossa civilização? Estamos certos que tal é possível, mesmo apesar das «maldições» lançadas pelo «Santo Irmanito», que a nosso ver, apenas deve ser formado em «psicologia ornamental».

A. de M.

Foi há vinte e um anos — 11 de Março de 1937 — com o fim de orientar e coordenar a acção das Casas dos Pescadores, que a Junta Central das Casas dos Pescadores começou a sua actividade em defeza dos Trabalhadores do Mar.

Vinte e um anos de notável acção social, que foi possível levar a efeito, graças

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

CRISE... NA INDÚSTRIA CONSERVEIRA

É o ponto de convergência de todas as conversas nos centros do País afectos à principal industria da nossa terra: as CONSERVAS.

Embora diferenciadas, crise nas sardinhas, crise no

atum, crise nas anchovas... Estamos dentro da órbita de mais uma crise, com valor destacado para as

POR JOSÉ DA CRUZ AZEVEDO

sardinhas, nem mais nem menos dura do que as anteriores, cíclica, histórica, fatal.

Desde há tempo vimos seguindo como observador atento, os movimentos desta grande roda que é a vida da indústria conserveira. Para ela, os fins de 1956 deram-lhe a impressão dum novo equilíbrio uma justa compreensão ao seu esforço. Embora não tivessem ouvido ninguém dar uma justificação plausível para essa súbita melhoria, foi contudo um facto, facto que nem todos souberam apro-



veitar. Esse alento, porém, levou os seus efeitos até à restrição de vendas e à preparação da safra de 1957 para um ritmo do mais alto nível de produção, principalmente no Norte do País onde a pesca abunda. E as-

sim se fez, havendo até quem ultrapassasse o seu próprio record.

Passou-se pouco tempo e o reverso da medalha, num rápido volta-face apareceu e ai está pavorosamente nefasto e sob uma perspectiva de sérias apreensões. Porque?

Estamos em crer que desta vez não cabem culpas a ninguém e para avaliarmos melhor o melindre da situação daremos como índice, que sendo o custo da produção sensivelmente igual nos dois citados anos, vende-se hoje por \$8,50 o que há pouco se cotava por \$11,50!

Fenómenos quasi inexplicáveis, ditados, talvez,

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

PELO DR. CABRAL ADÃO

oiro solar no azul do infinito, dulcificou.

A estrada ora corre entre muros, atrás dos quais as amendoeiras se debruçam, oferecendo-se, ora corre em margens abertas, entre expansões de pomar e horta, sua casinha aqui e além com

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

FESTIVIDADES DA SEMANA SANTA EM AIMONTE

Informamos os nossos leitores, que foram superiormente autorizadas, pelas autoridades dos dois países, facilidades de trânsito na fronteira de Vila Real de Santo António, no próximo mês de Abril, nos dias 1 a 5, por ocasião das festividades da Semana Santa.

O 128.º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DO POETA JOÃO DE DEUS

FOI COMEMORADO BRILHANTEMENTE NA CASA DO ALGARVE

Passado em 8 do corrente o 128.º aniversário do nascimento do grande poeta e pedagogo João de Deus, patrono da Casa do Algarve, em Lisboa, e, simultaneamente, o 28.º da fundação da colectividade e 12.º do seu ressurgimento, foi solenemente comemorado o triplice acontecimento, na sede do referido organismo regional.

Realizou-se para o efeito uma brilhante sessão, que teve grande concorrência e a que presidiu a neta do insigne lírico messinense, sr.ª D. Maria da Luz de Deus,

Ponces de Carvalho, presidente da Associação de Jardins-Escolas João de Deus,

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

Corporação da Lavoura Algarvia

Para o Conselho da Corporação da Lavoura foram nomeados como representantes, respectivamente da produção e trabalho agrícolas do Algarve, os srs. Dr. Jaime Guerreiro Rua, presidente da Direcção da Federação dos Grémios da Lavoura Algarvia, e Manuel Correia Dourado, presidente da Direcção da Casa do Povo da Luz de Tavira.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, encontra-se no Porto o nosso prezado assinante sr. Brigadeiro Eduardo José dos Santos.

Encontra-se em Marrocos o nosso prezado amigo e assinante sr. Matias Barroso Gomes Sanches, ilustre Presidente da Câmara Municipal desta vila.

Com pouca demora esteve nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa sr. Eng. Jorge Manuel Medeiros.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso prezado amigo e ilustre colaborador sr. Cap. António Gonçalves.

Com pouca demora esteve nesta vila a sr.^a D. Maria Luisa Rosa Pinto, esposa do nosso prezado amigo sr. Jacinto de Assunção Pinto.

Em gozo de licença encontra-se em casa de seus pais o sr. Rogélio E. Viegas Palma, filho do nosso prezado assinante sr. Eteberto Viegas Palma.

Regressou de Lisboa, acompanhada de sua filha a esposa do nosso prezado assinante sr. Manuel dos Reis.

Com pouca demora esteve nesta vila, o nosso prezado assinante sr. Raul Manero.

Esteve nesta vila o nosso estimado amigo e assinante sr. João Gonçalves Conceição.

Esteve alguns dias de visita a sua família o sr. João António Corvo Costa, nosso prezado assinante residente em Lisboa.

A fim de se especializar nas montagens e arranjo de aparelhos domésticos a Gaz-Cidra, encontra-se em Lisboa o nosso prezado assinante sr. António da Costa Salas.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção, o nosso prezado assinante em Odeleite sr. Manuel Joaquim da Fonseca.

Acompanhado de sua esposa e filhinhos, encontra-se na Figueira da Foz, o nosso prezado assinante sr. João Borges Salas.

Doente

Encontra-se já em franco restabelecimento, depois da melindrosa intervenção cirúrgica a que foi submetido na Clínica de Santo António, desta vila, pelo Sr. Dr. Albano de Lencastre, o nosso amigo Sr. José Guilherme Gineslay.

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.

O 128.º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO

DO POETA JOÃO DE DEUS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

secretariada pelos srs. Conselheiro Sousa Carvalho e Major Mateus Moreno, presidentes da Assembleia-Geral e da Direcção do Casa do Algarve, respectivamente; Coronel Sousa Rosal, deputado pelo Algarve; eng. Dr. José António Madeira, representante do Conselho Superior Regional da agremiação, e dr.^a D. Maria Odete Leonardo da Fonseca, representante da Comissão Cultural.

Foram oradores os srs. Dr. Mauricio Monteiro, vice-presidente da Direcção, e Hermenegildo Neves Franco, 1.º secretário, os quais salientaram, em vibrantes alocuções, o valor da obra espiritual do imortal autor da «Cartilha Maternal» e os numerosos serviços já prestados ao Algarve pela instituição regionalista de que o grande educador é patrono.

Depois de afirmar que seria muito grato ao seu espírito ver em breve restituído ao Liceu de Faro o nome de João de Deus, o Dr. Mauricio Monteiro apelou para o espírito patriótico de todos os algarvios, no sentido de alcançar os resultados necessários a subscrição já aberta pelo Conselho Superior Regional da Casa do Algarve a favor da construção de um Jardim-Escola João de Deus, em Faro, iniciativa formosa e oportuna, que historiou.

A presidente da mesa, num emotivo improviso, prometendo todo o seu concurso à realização de tal iniciativa, agradeceu enternecidamente o carinho com que a Casa do Algarve todos os anos costuma evocar, em sessões sempre brilhantes, a memória augusta de seu avô e a obra dos Jardins-Escolas, instituída por seu pai.

A completar a sessão, se gui-se um serão de arte, que a distinta poetisa e escritora Nita Lupi abriu por algumas palavras sobre a poesia de João de Deus e com recitativos de composições do poeta — palavras e recitativos que encheram toda a assistência de encanto.

Júlia Barroso, também grande nome da arte algarvia, cantou depois primorosamente uma canção de João de Deus, vários corridinhos e uma suave lenda, sendo os acompanhamentos ao piano feitos por D. Helena Moreira Viana. O conceituado pianista Dr. José Carlos Picoto, fez-se, finalmente, ouvir em vários trechos de música clássica, com vivo agrado, e Tomás Vieira da Cruz, grande poeta angolano, recitou uma composição de sua autoria sobre o Algarve, dedicada a João de Deus e acompanhado ao piano por Marques Ribeiro.

Tanto os oradores como todos os executantes foram vibrantemente aplaudidos.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositiário nesta Vila:
MIGUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

VAI A LISBOA?

VISITE A GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO EM TODOS OS ESTILOS NOS VASTOS SALÕES DE

MÓVEIS JANEL

NA RUA RODRIGUES SAMPAIO, 76-A



serras • serrotes

E DEMAIS FERRAMENTAS PARA AS INDUSTRIAS DE MADEIRA, CORTIÇA, CURTUMES E MINAS

fita de serra

KLOSTER

F. RAMADA, L.^{DA}

OVAR

LISBOA • PORTO • ÁGUEDA • LUANDA

ACOS

sucos de qualidade para todos os fins



POR UM MAIOR CINE-CLUBISMO ALGARVIO (3)

O INTERESSE pelo fenómeno cine-clubista, cuja projecção cultural e humanística se vai cada dia afirmando e alargando a novas esferas de acção, numa afirmação profunda e amplamente esclarecedora duma nova mentalidade que desponta em Portugal, atenta aos problemas concernentes à complexidade da coisa cinematográfica, está tomando no Algarve um inusitado aspecto de comunhão de vontades, de conjugação de esforços, de confluência de forças activas, a que um ramalhete secular de gentes moribundas, ou em vias de isso, há muito nos desabitua.

E que um tal conjunto de vontades se congregue e alie por uma causa cultural e absolutamente desinteressada, como é a do cine-clubismo, mais nos espanta, nos admira e faz sentir que qualquer coisa de novo se passa

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

RIMA

E fiquei toda a noite a namorar a lua. Esquecido de mim e da minha espada.

A espada foi ali posta para rimar com amada, que vinha lá mais atrás. Para rimar com amada, o dicionário trazia tomata, saladada, feijoadada, marmelada... Mas tudo isso eram géneros alimentícios, e a poesia quer-se diáfana, nêvea e vestalina. A um namorado da lua não fica mal uma espada à cinta. A coisa assim era vistosamente marcial — e a rima estava salva com honra para ambas as partes. Horrível seria que o poeta dissesse que tinha ficado ali toda a noite a namorar a lua, esquecido de si e da marmelada.

Poetas não comem marmelo. Só pétalas de rosa, e nuvens ao natural.

ÁGUA-FORTISTAS

Ao lado dos que escrevem com água chilra, há os que traçam o seu pensamento à ponta seca e a ácido de água-fortista. Todos serão chamados, mas o tempo — galant nomo — só elegirá os últimos. Aqui, como no Evangelho, os últimos serão os primeiros. Primeiros, e até únicos.

ESCREVER SEM VIVER

O escritor há-de viver, se não em carne e osso, pelo menos em simpatia (solidariedade no sofrimento) a vida das suas personagens. Se estas adregarem de ser para ele simples bonecos de trapos, meras sombras literárias, por mais estilo que lhes assopre, ficarão sempre murchas de humanidade.

O aforismo corrente é: «primeiro viver, depois filosofar». No caso presente deve ser: primeiro viver, depois escrever. Quem escreve sem viver, está passando prematuro atestado de óbito à sua própria obra. Agita bonecos, não agita almas instaladas em putrescíveis corpos.

DESPEDIDA

Jacinto de Assunção Pinto, vem por este meio, apresentar as suas despedidas a todas aquelas pessoas, que por insuflência de direcções não se despediu e oferecer os seus préstimos em Sobral de Monte-Agraço, onde passou a exercer as funções de Chefe da Secretaria da Câmara Municipal.

VENDE-SE

UMA CASA NA RUA 31 DE JANEIRO NESTA VILA
Tratar com = Manuel dos Santos
CAFÉ MONUMENTAL
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 8 a 14 de Março:

Entrados:

RIO ÁGUEDA, de 838 ton. e RIO VOUGA, de 837 ton., atuneiros portugueses, de Agadir, com atum congelado,

PRIMERO, Marroquino, de 405 ton., de Kenitra, vazio.

MADALENA, Português de 1.198 ton., de Retíbal, com carga em trânsito,

STARLING, Inglês, de 1.556 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

MARIA CRISTINA, Português, de 549 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

MIRA TERRA, para Lisboa, com minério.

PRIMERO, para Kenitra, com pessoal para as armações.

MADALENA, para o Funchal, com sal.

STARLING, para Dublin, com alfarroba.

MARIA CRISTINA, para Lisboa, com enxofre.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 15 a 21 de Março a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda — Telefone, 64.

Contos Góticos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

No alto perigo que funda mágoa.

Digo adeus adeus ao meu amigo.

Lágrima e canto...

Sabes que enquanto, Digo,

viver te quero for mundo, espero.

No alto monte do alto perigo

Adeus, adeus

o meu amigo!

Retrato

Sua vida é um jumento estropeado

Olha as nuvens que vão a qual-quer parte,

baixa as orelhas...

E não parte.

Senhoria

A morte subiu de posto jogou, lutou — venceu por fim. Não me admiro. Aposto que no comércio é assim.

Vejam, Engordou-lhe o pescoço. Mal cabe já no colarinho raro, (o comércio por grosso, claro...)

O arnez? Pff... Agora, fraque Para ele o tom já não lhe vem das mãos de Dion. Só veste corte Nagasaki.

O cravo rubro do duelo à espanhola, el clavel chico, morreu. Agora é o cogumelo monumental de novo rico.

E neste mundo se onde se jogou fóra a aristocracia só a morte ficou com senhoria.

As mãos no ombro

Mora aqui perto ao lado do deserto um jardimzinho alado.

Vou até lá por um alegre tapete

de Bagdá.

Levo chelo o regaço de sobressaltos

e de astros altos patinando baixo.

Porém, de cada escombros como se meu olhar as acordas-

le, levante-se uma face amada. Poem-me as mãos no

ombro.

Volto ao deserto laço de tanto desamor

Mostro o regaço: São flores, senhor

[se, ombro.]

Maria Manuela Nunes

AMÊNDOA

COM CASCA

COMPRA O

TREZE — CARTAXO

CRISE... NA INDÚSTRIA CONSERVEIRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

pelos efeitos inexoráveis da concorrência externa ou outros... não sabemos.

E entretanto a nossa indústria precisa exportar e reduzir os seus pesados stocks; o País precisa que a indústria exporte; o País carece das exportações para aliviar em parte o deficit da balança comercial. O País precisa até que aumentemos a produção...

Sim, aumento substancial da produção! Mas, em que condições?

Está a nossa indústria equipada, automatizada para esse substancial aumento em boas condições económicas e sem quebra sensível da qualidade?

Não, respondemos nós. Aqui ou ali, neste ou naquele sector operacional vamos sofrivelmente em condições. No conjunto, não, repetimos.

Ponha-se de parte o abastecimento das embalagens metálicas, que não constitui de forma alguma indústria de conservas, — manufacturadas em Portugal contra todas as regras da moderna economia, em ambiente individual, anti-económico, muitas vezes imperfeito, sem obediência à necessária standardização dos mais usuais formatos e veja-se que o trabalho das conservas propriamente dito é — triste sinal na era dos spuntiks — 80% manual!

Em contra partida é por isso mesmo, e só por isso, que as nossas conservas, numa percentagem média — não total, sublinhemolo bem — têm uma melhor apresentação que os olhos gostam e um sabor diferente que as distinguem. Numa percentagem média, repetimos, porque quando queremos ir para além da produção normal, dentro do sistema rotineiro que seguimos, é sempre e sempre com prejuizo da qualidade. Retardamentos do peixe em cru ou cosido, com as consequentes perdas de resistência e alteração da cor, mau aspecto, oxidação que produz o escurecimento do molho, cheiro e sabor desagradáveis.

Portanto, dentro do limite normal e lógico da produção de cada um, sabem bem os interessados quanto custa por caixa a mão d'obra de tão morosas e fatigantes operações.

Mais perfeitas? já o dissemos; mas se nos for permitido comparar, tão caras como as rendas de birlos de Peniche ou os bordados da Madeira, em relação com identicos produtos trabalhados por modernissimos métodos mecânicos. E ainda assim compram-nas, preferem-nas, dirão alguns...

Mas pelas enormes quantidades de produtos concorrentes quasi perfeitos e similares que nos assoberbam de toda a parte, todos eles a baixo preço, saturando os mercados, infiltrando-se, marcando presença se não

houver entre nós a noção exacta da hora H que vivemos, não temos relutância em aceitar a perda lenta, mas gradual, da nossa soberana posição conserveira.

Depreende-se logicamente desta opinião que para sobrevivermos teremos de sacrificar alguma coisa: No momento actual, o preço das matérias primas e a redução substancial de impostos nos materiais. No futuro, um pouco também da qualidade para fabricos de séries, a preços de concorrência, frescos, *perfeitamente comestíveis*; mas com os senões que nós encontramos agora nos outros; sem deixarmos, claro está, de produzir a qualidade verdadeiramente superior que sempre nos impôs.

Para tanto, seria preciso compreensões, boa fé, estudo e orientação...

— Têm os nossos concorrentes sardinhas de espécie igual à nossa?

Têm, sim senhor; especie perfeitamente igual em *algumas zonas* e adquirem-na pelo sistema de contratos prévios para quantidade e preço. Sabem de antemão quanto custa uma caixa. Em Portugal, a industria pode saber quanto custa uma caixa sem o peixe. O custo deste é sempre um incógnita...

Os métodos de fabricação delas é que são diferentes. E são, porque para isso foram compelidos pela pessima e dolente mão d'obra que possuíam. Preferiram o mal menor e lançaram-se no automatização com modernissimas e caras máquinas cujos resultados são já surpreendentes e seguem em progressão ritmada esperanças em obterem em breve resultados qualitativos de boa aceitação geral.

Tudo isto habilita-os já a dizerem que o seu produto não admite a pejorativa classificação de substituto do produto português, porquanto não sendo melhor nem pior, é apenas diferente. E pronto.

Oxalá as nuvens que se adensaram, dificultando a normalidade da vida conserveira nacional se vão dissipando e como fluido de maná celeste venha alimentar esperanças e os nervos descontrolados dos que têm que dar solução aos graves problemas que se lhes desparem dia a dia nesta tão contingente industria.

Contudo, é de desejar que algo se faça com vista ao futuro, antes que sejamos surpreendidos até cilindradas, por novos, prejudiciais e desconcertantes ataques à nossa posição.

G. A.

CASAS DO PATRIMÓNIO DOS POBRES

Segundo nos informam, vão ser entregues no próximo dia 25 do corrente às famílias escolhidas, as seis moradias mandadas construir na nossa vila.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

No dia 9 do próximo mês de Abril, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, e nuns autos de Carta Precatória vinda da Comarca de Mértola, se há-de proceder à arrematação, em hasta pública, em primeira praça e pelo maior lance oferecido, acima dos valores dos prédios a seguir identificados, penhorados nos autos de Execução Sumário que a Sociedade Commercial por quotas Francisco António Vargas, Limitada, com sede em Mértola, move contra os executados Alfredo Madeira Simões, solteiro, comerciante, e José Simões, casado, proprietário, ambos residentes em Alcoutim, por dívida da importância de 8 000\$00, que serviu de base á execução, ficando a sisa por inteiro a cargo do arrematante.

PRÉDIOS A ARREMATAR

1.º — O direito e a acção a 4/5 de um prédio urbano, sito em arredores da aldeia e freguesia do Peireiro, que se compõe de um compartimento que se destina a industria, com um motor e um triturador aderentes ao solo, com a superficie coberta de 25 metros quadrados, a confrontar de todos os lados com o executado Alfredo Madeira Simões, inscrito no todo sob o n.º 721, correspondendo a 4/5 do rendimento colectivo de 432\$50 e o valor matricial corrigido de 10.368\$00. Este prédio encontra-se descrito na Conservatória sob o n.º 7.377, a fls. 29 v. do Liv.º B n.º 18, e pertence ao executado Alfredo Madeira Simões, do qual é depositário;

2.º — Um prédio rústico que consta de uma cerca com seis árvores de fruto e de terras de semeadura, sito nos arredores da vila de Alcoutim, confrontando norte com a via pública, sul e nascente com o Rocio, do poente com Justo António Marques, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Alcoutim, sob o art.º 7 203, com o rendimento colectivo de 22\$50 e o valor matricial de 616\$00. Este prédio tem a área de 1.800 m2, encontra-se descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 7.378, a fls. 30 do Liv.º B n.º 18, e pertence, bem como os que se seguem ao executado José Simões, dos quais é depositário;

3.º — Prédio urbano com oito compartimentos e seis vãos, sito na Rua da Corredora, da vila e freguesia de Alcoutim, com a superficie coberta de 102 m2, a confrontar do norte com a via pública, sul e nascente com Pedro José Rodrigues Teixeira e poente com Gregório de Barros Moraes. Quintal com área de 16 m2, inscrito na matriz predial urbana de Alcoutim, sob o art.º 31, com o rendimento colectivo de 352\$00 e o valor matricial corrigido de esc. 8.448\$00. Este prédio encontra-se descrito na Conservatória sob o número 7.379, a fls. 30 v. do Liv.º B n.º 18;

4.º — Um prédio urbano com seis compartimentos e três vãos, sito na Rua Marquês de Pombal, com a superficie coberta de 36 m2, a confrontar do norte com José Serafim, sul com Emília Delgada Torres, nascente com a via pública e poente com a Rua. Tem um quintal com a área de 5 m2, inscrito na matriz predial urbana da freguesia de Alcoutim sob o art.º 91, com o rendimento colectivo de 272\$00 e o valor matricial corrigido de 6.528\$; Este prédio encontra-se descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 7.380, a fls. 31 do Liv.º B n.º 18;

5.º — Um prédio urbano que consta de Cavaleira e Palheiro, sito na Largo do Castelo, da vila de Alcoutim, com a superficie coberta de 9 m2, a confrontar do norte com a via pública, sul e poente com José Simões, e nascente com a via pública. Inscrito na matriz predial urbana sob o n.º 97, com o rendimento colectivo de 335\$00 e o valor matricial de 792\$00. Este prédio encontra-se descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 7.381 a fls. 31 v. do Liv.º B n.º 18.

Vila Real de Santo António, 10 de Março de 1958.

O Chefe da Secção,
Regino Augusto Langa
VERIFIQUE!

O Juiz de Direito,
a) Victor Manuel Leite Marrelros

As mais lindas Rosas de Portugal
As mais famosas árvores de fruto

Árvores florestais — Construção de Jardins e Parques
Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis
Moreira da Silva & F.º L.º da
Rua D. Manuel II, 85 — PORTO

VILA PADINHA FUTEBOL VILH ULJI UNIVH

Campeonato Nacional da II Divisão

Olhanense, 1 — Boavista, 0

O primeiro desafio desta segunda fase trouxe ao estádio Padinha o primeiro representante da zona Norte, acompanhado da incerteza, que perdurou até à última hora, sobre o local onde o encontro se efectuará. Apesar disso, o campo de Olhão registou total enchente.

O futebol praticado, no entanto, por ambas as equipas, não alcançou aquela craveira esperada em equipas já seleccionadas, encontrando-se este somente nalguns períodos de jogo dos donos do campo. A turma portuense desiludiu nesta primeira apresentação no Algarve, talvez porque o seu jogo se caracterizou pela destruição dos lances do adversário, ou porque na realidade a toada não encontrou ambiente favorável, dada a maior facilidade sempre imposta ao jogo pelo adversário.

O Boavista logo de entrada dispôs o seu ataque numa linha de quatro, Medina, Amancio, Artur e Germano, a qual, todavia, claudicou perante o sistema defensivo do antagonista, que parecendo recer surpresas acautelava a defesa com o reforço dos médios.

Surgido o primeiro tento, esperou-se a normal reacção do «team» visitante, a qual, porém, não surtiu efeito e o Olhanense tomou natural confiança perante mesmo alguma apatia nortenha, resultante de morosidade nos lances. Aproveitaram os algarvios para insistir continuamente, quase resultando aos 19 minutos de jogo, em lance de Angelo, um novo tento e não desistindo perante a segurança demonstrada pelo sector defensivo. Este foi o melhor da equipa visitante, graças ao qual o resultado não foi mais volumoso.

Manero esteve na chave deste sector, enquanto pela esquerda, dado á guarda de Franco, as tentativas de penetração tinham mais factíveis possibilidades.

Guimarães, 3 - Farense, 1

O primeiro tempo terminou com os locais a vencer por 2-1. Aos 12 minutos o Vitória, a coroar a insistência com que se lançou ao ataque obteve o primeiro golo. O argentino Cívico progrediu na grande com a bola colocada aos pés, entregando-a a Ernesto e o avançado-centro local, em movimento, rematou com violência á boca da rede e Isaurindo foi batido sem remissão. Aos 36 minutos o Farense conseguiu a igualdade. Tarro serviu Aparício e este lançou a bola para a frente do seu extremo-direito. Armando arancou com a rapidez de uma seta, deixando Abel para trás. Sebastião, em face do perigo, safou ao encontro da bola, mas o algarvio chegou primeiro e enviou o esférico para as malhas.

Faltava precisamente um minuto para o intervalo quando os locais se colocaram novamente em vantagem. Reina cometeu falta sobre Ernesto e Barros marcou o livre. O



esférico foi atirado para a frente de Isaurindo, que hesitou um instante em sair da baliza, e Ernesto rápido e oportuno, disparou á queima-roupa para o melhor sítio.

Na 2.ª parte aos 9 minutos os vimaranenses alcançaram o terceiro golo. Rola galgou terreno e tocou a bola para Cívico que, á entrada da área, disparou remate rasteiro para o lado direito de Isaurindo. A defesa não parecia difícil, visto o esférico não levar muita força, mas o guarda algarvio, num excesso de golpe de vista, pensando talvez que o esférico ia para fora não se moveu e a bola entrou junto ao poste.

Jogos para hoje:

Boavista-Atlético
Farense-Olhanense
Covilhã-Guimarães

BASQUETEBOLO

Campeonato Nacional da II Divisão

S. Lisboa e Faro 49 — S. C. Olhanense 54

(ao intervalo 15-25)

S. L. F. — Reis-Jorge (30), Cavaço (8), Carvalho-Xavier (1), Pinto (8), Alexandre (2).

S. C. O. — Amaro (1), Cipriano-Brito (16), Flávio (21), Martins (6), Costa.

Campeonato Nacional da III Divisão

Lusitano F. C. 19 — S. C. Farense 45

(ao intervalo 12-21)

L. F. C. — Branco (7), Gavino-Pinheiro (1), Carro-Andrade (11), Leal-Belião-Albano-Jara.

S. C. F. — Belchior-Gago (16), Afonso (2), Estevinha (6), Mónica (1), Vinhas (13), Bastardino (7).

Campeonato Nacional da III Divisão

C. D. «Os Olhanenses» 73 — C. F. «Os Bonjoanenses» 25

(ao intervalo 40-20)

C. D. O. — L. Branco-Luis do Ó (22), Relvas (4), Serro (20), Hernani (11), A. Madeira (2), Serrano (14), C. F. C. — Bernardino (4), Cunha Barracosa-Dias (7), Jesuino (7), Mendonça (7), Adelino (2).

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

C. D. «Os Olhanenses»	31 pontos
Sporting C. Farense	31 "
Sporting C. Olhanense	25 "
Lusitano F. C.	19 "
C. F. «Os Bonjoanenses»	19 "
S. Lisboa e Faro	15 "
Ginásio C. Olhanense	14 "

O Campeonato termina hoje, dia 16, realizando-se os seguintes jogos:

Farense-L. Faro
C. S. Luis-Faro
Olhanenses-Lusitano
C. L. Sousa-Olhão
Bonjoanenses-Ginásio
C. Bom João-Faro

CLUBE RECREATIVO LUSITANO

Realizou-se no passado, dia 10 do corrente a Assembleia Geral ordinária, para eleição de corpos gerentes para o ano de 1958, tendo a lista mais votada sido a seguinte:

Assembleia Geral — Presidente, Cesar Machado Pinto Pontes; Vice-Presidente, José Manuel Pereira; 1.º Secretário, Ezequiel Fernandes; 2.º Secretário, Manuel Francisco da Conceição.

Direcção — Presidente, Francisco Lopes Madeira; Vice-Presidente, Manuel Francisco Horta; Secretário, José Gonçalves da Cruz; Tesoureiro, José Bento Junior; Vogal, Angelo Camarada Carro.

Suplentes — Joaquim Faustino; Emidio da Palma Guerreiro e José do Carmo Padesca.

Conselho Fiscal — Presidente, Manuel Peres Tenório; Secretário, João Ilidio Setubal; Relator, Francisco Caldeira Alexandre.

Suplentes — Manuel Cipriano e Manuel Francisco Ribeiro Alves.

«ALGARVE EM FLOR»

O artigo que com este título, publicamos na primeira página, foi transcrito, com a devida vénia do nosso prezado colega «O Setubalense».

Campeonato Nacional da III Divisão

SILVES, 3 - LUSITANO, 0

(ao intervalo 2-0)

Jogo no estádio «Dr. Francisco Vieira», em Silves.

Os grupos alinharam:

SILVES — Inácio; Baia, Boto e Hernani; Filipe e Pargana; Lourenço, Helder, Vitor, Carlos Silva e J. Domingos.

LUSITANO — Gomes; Pescada, Antunes e Gonçalves; Campos e Parra; Victoriano, Marco, Padesca, Travaços e Ludgero.

Árbitro: Manuel Vaz Valente, de Beja.

Assistimos a este jogo em Silves, que sem dúvida alguma não dignifica o futebol como espectáculo desportivo.

Quezimento do principio ao fim, violento mesmo na maior parte do tempo. O futebol praticado foi do mais pobre. Em contrapartida o jogo feio foi abundante.

O encontro começou já com um ambiente carregado que iria aumentando com o decorrer do jogo.

Tinhamos a esperança que o árbitro saberia reprimir o jogo á margem da Lei, mas infelizmente enganamo-nos. Não só não o reprimiu, como ainda contribuiu para o seu aumento constante, com decisões infelizes e até parciais, sendo talvez a primeira pessoa em campo da qual se aposou a desorientação.

Num jogo desta natureza, ganhou a equipa com mais

adaptação ao ambiente no campo, pesando para esse efeito o factor casa.

A diferença de 3 bolas não é expressão verdadeira de superioridade, levando ainda em conta o consentimento do guarda redes de Vila Real no primeiro e no último tentos.

A arbitragem foi o que todos que assistiram sabem: pessima. O sr. Valente em tarde negra, não soube ou não quiz, evitar a dureza excessiva, a violência que iria atingir rudemente esse Lusitano de Vila Real, que já esteve entre os maiores da bola, inutilizando-lhe um dos seus melhores elementos, o defensor esquerdo Gonçalves com fractura da perna direita. Não julgamos intencional o lance ocasionador dessa fractura, julgamos sim, que teria sido possível evitar se o sr. Valente tivesse sabido ser um árbitro.

G.

Outros resultados

S. Domingos, 1 — S. Brás, 0
Sambrasense, 6 — Despertar, 5
Moura, 1 — Aljustrel, 1

CLASSIFICAÇÃO GERAL

U. Sambrasense	11 pontos
Moura	11 "
Silves	10 "
Desp. S. Brás	8 "
Aljustrelense	8 "
LUSITANO	7 "
S. Domingos	6 "
Despertar	5 "

Jogos para hoje

LUSITANO-Moura
Despertar-S. Domingos
Aljustrel-Sambrasense
S. Brás-Silves

TEM DE IR Á CAPITAL?

PREFIRA A

Pensão Évora

RESIDENCIAL

O MAIOR CONFORTO

Águas correntes em todos os quartos, quentes e frias
Preços módicos

Rossio, 59-2.º, Dt.º - LISBOA - Telef. 367666

PRECISA-SE

Carpinteiros de Construção Naval de 1.ª c/8 horas de serviço ao preço de 57\$50 e de 2.ª conforme serviço prestado pelo mesmo.

Dirigir aos Estaleiros Navais de

José do Nascimento Gomes & Filhos

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ALGARVE EM FLOR

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

os provincianos que amanhã a terra, no contacto mais directo e produtivo.

As amendoeiras ou aparecem dispersas, pelo meio das alfarrubeiras, sempre muito verdes, das figueiras, agora no lenho, das frutíferas múltiplas, despidas, ou constituem uma nata de pétalas que se estende sobre vastas extensões de pomar. Mas para gozar o efeito dessa saturação flôrea, é necessário parar, internarmos-nos por caminhos vicinais e procurar as fadas nos seus ninhos.

Dois ou três centos de amendoeiras de floração a flux, já nos dão a sensação da maravilha, quer de dentro, quer de fora.

De dentro. — Aroma, zumbido e cor levam-nos a alma em arruobos de sonho, vagueando em passos lentos, distraídos, olhos nas flores, narinas no perfume, ouvidos nas asas das abelhas que volteiam como bailarinas em redor das corolas.

Como o olhar cinge as flores ao céu, elas parecem mais pertença dele do que da terra. Oh, que subtil brocado este das florinhas alinhadas pelos ramos, na pureza imaculada do azul!!! Lembra um paramento rico, em país oriental, com jóias brancas ou róseas num damasco húmido de safira...

Poucas sensações haverá na Natureza, de etificação dos sentidos, de paraíso tranquilo, quase divino, como admirar com amor uma árvore florida! Aquele ramo de casca hedionda, toco, desajeitado, preto, ferrugento, rebrantar em flores da mais fina urdidura, tem quase a sensação dos milagres.

Vamos subir os primeiros ramos desta amendoeira nova. São robustos, não há perigo. Vamos internar a cabeça entre as grinaldas de flores, aqui suavemente róseas, estames de arminho, centro das pétalas raiado de rosa mais forte, as cinco peçazinhas reclinadas como o colo duma Ulanova em requebro de dávida e recusa, simultaneamente! Oçam o murmúrio das abelhas: este zumbir plumoso, onde se descobrem áreas dum reino desconhecido, duma harmonia nova!

Aspirem o aroma dos cálices: é um mel, mel puríssimo o cheiro destas flores feticheiras, um mel que se aspira, bebendo, ou que se bebe, aspirando.

De pétala para pétala saltam poesias músicas, agualelas, linhas de carinho, de encanto, de prazer. Algumas eu apanhei, que uma corola cantava a outra, na embriaguez da mornidão solar. Oçam:

Bosque em flor, acordou-te a [madrugada]
Teu colo é uma garça desper[ta]
— e em róseos jardins, que mal [desvendadas]

O cisne do teu seio, enfim des[perdo]
já ergue as asas como um véu [aberto],
por entre a espuma alvíssima [das tendas]

ou, mais além, num murmúrio terno:
E, amendoeiras em flor, quero [também]
As vossas preces

Oh árvores de neve cu cor de [aurora]
Quando estiverdes noivas como [agora]

Flori-me a campa, rezai vós [também...]

ou, passos andados, num segredo breve:

... Dizem-me que as amendoei[ras estão lindíssimas...]

Quando eu as for ver por ti e [por mim]

já elas não têm flor... . . .

Afinal são retalhos de inspiração que um Bernardo de Passos, um Cândido Guerreiro ou um João Lúcio misturaram na apoteose das suas árvores floridas. Os versos dos poetas são a voz da Natureza muda, traduzida para o entendimento dos homens, avidos de tudo aperceber. Os poetas algarvios são os intérpretes da sua paisagem, eles e ela fundidos na mesma disciplina, amalgamados na mesma função espiritualizadora.

De fora. — De longe, de cima, dum descanso da serra, os amendoeais, em Fevereiro, são caprichos de claras em castelo, ramos de algodão levitando no dossel dos ervilhais e dos pastos, nata de espuma-flor donde uma borboleta nasceu um dia, para ensinar a amar, as crianças portuguesas, para ensinar a amar, os corações de nós todos:

Ah! se eu fosse borboleta,

Violeta!

Por quem ao sol derretera

As minhas asas de cera

E ouro em pó?

Ah! se eu fosse borboleta,

Violeta,

Deixaria a rosa e a dália,

Nuvens, bosques, céu de Itália

Por ti só

João! Tu não podias escolher

melhor berço para atrair os olhos,

que essa faxa paradisíaca do Al-

garve. Coimbra caldeoute-te a ins-

piração e deu-te a graça; e conseguiu-te com ela, entrar no Governo da poesia nacional. João, bem hajais! por seres hoje beirão, alentejano, transmontano, minhoto, estremenho... por seres de condão universal!

///

O êxtase interrompe-se com o sol prestes a afundar-se no Barlavento. Vila Real de Santo António surge, no final de rectas estiradas na planura. Bem podia chamar-se também, a progressiva vila do atum e do comércio, Vila do Marquês, porque a Pombal se deve toda inteira, que a mandou erguer em poucos meses para que Ayamonte, branqueando além na margem espanhola do Guadiana, tivesse vis-à-vis ao encarar a terra portuguesa.

Monte Gordo cedeu-lhe o passo com bastante dificuldade. Mas era preciso um protector de arrebiques no calcinar do pé lusitano, talhado em linhas de cruzamento geométrico, como a baixa lisboeta, pombalina outrossim, uma praça ampla e esteticamente orgulhosa, com o seu pelourinho a centrá-la num resplendor de raios divergentes, em cujo pedra se proclama a D. José e ao seu Ministro a gratidão daquelas gentes, com foros de terra progressiva pelo movimento do seu porto e o interesse do seu turismo.

O farol, rodando, flameja de luz branca, instantânea, as árvores da terra e as velas do mar. Acendem-se luzes em Ayamonte e em Vila Real. Os naturais passeiam pela sua Calle de Sierpes.

O visitante despede-se, e segue o seu programa, caminho de Olhão.

Dr. Cabral Adão

Assistência aos Pescadores DE PORTUGAL

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

à cooperação do Estado e das Empresas armadoras, para a qual muito contribuiu o delegado do Governo junto do Organismo Corporativo da Pesca, Senhor Comandante Henrique Tenreiro, que preside ao seu corpo directivo, de que fazem parte os ars. drs. Carlos Afonso de Carvalho e António Duarte Silva, António Pereira de Torres Feveteiro e António Viera.

Estão à vista de todos, os resultados desses esforços, que não tem conhecido desânimos nem canseiras.

A acção até agora exercida, deve-se a uma Política honesta e construtiva, dos Homens de Bem do Estado Novo. A ela se deve o conceito em que são tidas as «Casas dos Pescadores»: obra notável realizada no aspecto social; obra de todos os dias que se pode acompanhar e que chega a comover quan-

do se assiste ao seu movimen-

to. A jornada corporativa já percorrida nestes 21 anos com pleno êxito, tem permitido, à nossa gente do Mar, inúmeras e valiosas regalias que vão desde a assistência médica — medicamentosa à hospitalização e sanatorização.

De Norte a Sul se edificam bairros de modelares moradias, que são a casa, o lar, digno e saudável, das nossas gentes do Mar; se criam Centros de Assistência Social, que, como complemento necessário, existe o Serviço de Visitadoras, com 32 assistentes distribuídas pelas diferentes Casas dos Pescadores e Serviços.

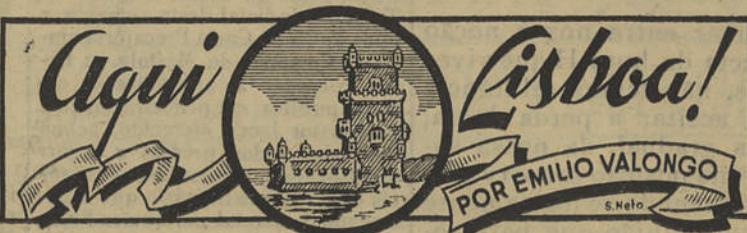
Em funcionamento existem já seis Maternidades: Póvoa de Varzim, Matosinhos, Olhão, Sesimbra e Sines, Caparica e Espinho; sendo propósito da Junta Central instalar novas casas deste género. Há os Potos de Puericultura e Creches que continuam a acção das Maternidades.

Merecem os nossos louvores a ideia da instituição de Escolas de Mães, que será a continuação da obra realizada pelas Casas de Trabalho, que muito têm beneficiado as filhas dos nossos pescadores.

Ainda dentro do mesmo capítulo da Acção Social, se dá conta das actividades dos Lares e Refeitórios para pescadores; as Escolas de Pesca, Escolas Primárias e Postos de Ensino, Colónias de Férias, Internatos, Acção Cultural e Desportiva.

A educação e o ensino dos filhos das gentes do Mar tem merecido grandes atenções à Junta Central.

L. S. P.



A MÃE DOS GATOS

Amiudadamente a vemos passar caminhando alquebrada e arrastando os sapatos cambados nos pés doridos e inchados. Ontem, positivamente parámos e olhámos a sua triste figura de mulher — talvez mais farrapo do que mulher. E perante tanta miséria ali exposta, tantas nódoas de privações que crivam aquele rosto ossudo donde o brilho dos olhos vítreos nos queima a alma — ficámos como que eletrizados olhando aquela miserável criatura que os janeiros da vida sabem quase secular, mas que continua arrastando a sua carcassa pelas ruas da cidade. A sua história, talvez donde veio e quem é, não interessa, mas na sua vida há uma missão a cumprir: a protecção dos animais. E será talvez por essa razão que ela caminha trôpega pelas ruas desta nobre Lisboa, passo a passo, cabeça erguida onde um estafado e desusado chapéu lhe oculta os cabelos desgredhados, e uma raposa — uma pele de raposa quase sem pelo, seca, encarquilhada e esburacada, — lhe resguarda o pescoço viscoso donde pende um medalhão ridículo. Diariamente, leva na mão um saco nodoso e nojento com comida para os seus animais. Ela sabe, e até no-lo confessou já, que lá em casa, como quem diz, numa barraca imunda, a esperam impacientes, miando e latindo — doze gatos e três cães!

Será por tudo isto que, quando ela se abeira das peixeiras pedindo-lhes um carapau estripado para os «seus meninos», lhe chamam a Mãe dos Gatos — e que exemplo sublime de afeição e sacrifício pelos animais, nos dá esta simpática mas desprezível velhinha!

O DIA DE S. JOSÉ, NO

ASILO DAS IRMÃZINHAS DOS POBRES

Lisboa, 14 — A fim de festejar o dia de S. José, patrono desta benemérita instituição, será rezada missa, na próxima quarta-feira, na capela do asilo, pelas intenções dos seus benefactores, a qual presidirá o sr. bispo de Tiava. Ao meio dia, efectuar-se-á o almoço aos velhinhos ali internados.

PELA CASA DO ALGARVE

No pretérito dia 8, realizou-se na sede da Casa do Algarve, uma sessão solene comemorativa do 128.º aniversário do nascimento do grande poeta e pedagogo João de Deus, tendo-se registado uma numerosa assistência.

Presidiu a esta brilhante sessão, a Ex.ª Sr.ª D. Maria da Luz de Deus Ponces de Carvalho, neta do homenageado, usando da palavra os srs. Dr. Maurício Monteiro e Hermenegildo Neves Franco. Seguiu-se um serão de arte, com a colaboração da distinta poetisa e escritora Nita Lúpi, a aplaudida cantora da E. N. Júlia Barroso e do laureado pianista Dr. José Carlos Picoto. Depois de amanhã, domingo, realizar-se-á o almoço de confraternização algarvia, na sede desta colectividade, pelas 13 horas, em homenagem ao sócio-benemérito, sr. Comandante José Francisco Corrêa Matoso, natural de Vila do Bispo, e a sua esposa, D. Elsa Soto-Maior Matoso, patrona do Centro de Assistência Social, recentemente inaugurado em Sagres pela Junta das Casas dos Pescadores.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

VENDE-SE EM LISBOA

na Tabacaria Antunes & C.ª

Av. Almirante Reis, 22-C

(aos Anjos)

O CAIS DO SOBRE VEDADO AO TRÂNSITO

A partir de hoje, e durante cerca de sessenta dias, o Cais do Sodré vai ser vedado ao trânsito, a fim de serem levantadas as linhas dos «eléctricos» e reconstruído o respectivo pavimento. Os veículos que normalmente utilizam este arruamento agora vedado, deverão circular pela rua Bernardino Costa, para que foram já tomadas as devidas precauções por nela se efectuar o duplo sentido de circulação.

LUTUOSA

Capitão João Mendes Cabeçadas

Na sua residência, avenida Almirante Reis, 251-4.º Dt.ª, nesta cidade, faleceu o sr. capitão João Mendes Cabeçadas, antigo combatente e inválido da Grande Guerra. Contava 70 anos, e era natural de S. Clemente (Loulé). Casado com a sr.ª D. Alice Pacheco Cabeçadas, era pai da sr.ª D. Maria Alice Cabeçadas Neto e sogro do sr. Artur A'guedo Neto; irmão dos srs. vice-almirante José Mendes Cabeçadas Júnior; Nuno Guerreiro Cabeçadas, comerciante em Olhão; Joaquim Guerreiro Cabeçadas, comerciante em Setúbal e da sr.ª D. Berta Guerreiro Cabeçadas. O funeral realizou-se no passado dia 8, da igreja de S. João de Deus para o talhão dos Combatentes da Grande Guerra no cemitério do Alto de S. João.

Faleceram nesta cidade: as sr.ªs D. Isabel Correia Coelho, de 78 anos, natural de Albufeira; D. Augusta Viegas, de 46 anos, natural de Faro; D. Rita Barbara Sestelo, de 80 anos, natural de V. R. de St.º António e D. Paula Maria dos Santos, de 85 anos, natural de Lagos.

Apresentamos sentidas condolências às famílias enlutadas.

E. V.

Visado pela Comissão de Censura

sidades do consumo, preciosas divisas são ainda empregues no pagamento de importantes importações destes artigos, o que não poderá compreender-se muito bem em face daqueles argumentos.

E' certo que a nova empresa, segundo dizem, é estrangeira, e, como tal, de maiores recursos financeiros do que a única que temos e que, por aquela razão, grande parte do que deveria ficar cá seguiria para outra nação. Mas não haverá uma justificação aceitável para o Governo permitir a montagem de uma nova fábrica? Concerteza que existe. Está mesmo expressa na necessidade que temos de importar pneus e câmaras de ar estrangeiros.

Não basta que saibamos que a produção é bastante para o consumo que fazemos. E' indispensável saber se a qualidade corresponde às exigências e às necessidades. Aqui é que deve residir a justificação encontrada pelo Governo para autorizar uma nova empresa produtora. De resto, nos países onde a iniciativa privada é livre, os monopólios não têm razão de existir; quanto muito o Estado — que é no nosso País o organismo coordenador das actividades económicas — poderá intervir para exigir que uma parte importante do capital a intervir seja nacional ou nacionalizado. Se assim acontecer estarão salvaguardados os interesses da comunidade, porque tanto faz que sejam ricos os portugueses do norte como os do sul, o que convirá até é que todos os portugueses sejam ricos, ou, pelo menos, tenham um nível de vida mais elevado.

Dirão porventura, que os do sul ficarão favorecidos e terão os caminhos abertos para o progresso da sua terra (neste caso Setúbal) ou da sua região, em prejuízo dos do norte. Pressagia-se já a ruína total da empresa actual quando, afinal, a criação de uma outra indústria similar apenas pode vir trazer benefícios: — em primeiro lugar ao consumidor, que passará a ter melhores produtos; depois à Nação, que terá aumentado a sua riqueza e as unidades industriais, ao mesmo tempo que poderá poupar divisas proibindo as importações, que deixarão de ter justificação quando os produtos manufacturados no País forem, pelo menos, iguais, em qualidade e abundância, aos estrangeiros.

Se a empresa actual caminhar para a ruína é porque não está devidamente estruturada para suportar a concorrência e, sobretudo, porque a sua produção, uma vez que a quantidade era suficiente, não tem a qualidade conveniente.

Se houver deficiência de qualidade é porque a produção não se processa de forma indicada, e não será a imposição de um monopólio que poderá colocá-las ao nível que convém às necessidades e prestígio do País.

A manutenção das coisas nos termos actuais só vem pôr entraves sérios à economia da Nação. O Governo deve tê-lo compreendido para autorizar a instalação de uma nova fábrica.

José dos Santos Marques

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

A ACÇÃO CULTURAL DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

guês pelos rumos que o seu passado lhe impõe e os seus valores presentes legitimam esperar.

O Conselho emitiu parecer favorável sobre a conta de gerência do Fundo de Teatro, relativa ao ano de 1957, a qual, nos termos da lei, lhe foi submetida à apreciação pelo Conselho Administrativo do referido Fundo e vai ser submetida à aprovação da Presidência do Conselho.

Simultaneamente — e no outro sector da nossa actividade teatral — o Secretariado abriu concurso para a concessão de subsídios a companhias teatrais itinerantes, devidamente organizadas, que se proponham difundir, dentro e fora do País, a literatura dramática nacional.

Anteriormente e também

já sob a presidência do Sr. Dr. Moreira Baptista, reuniu-se o Conselho de Cinema para efeitos de apreciação dos pedidos de subsídios para a produção de filmes de curta metragem, apresentados ao Fundo de Cinema Nacional.

O Conselho, estudados os respectivos processos, resolveu por unanimidade conceder um subsídio à Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas para a produção do filme «Janela Aberta» a realizar por Armando da Silva Brandão.

No campo das Artes Plásticas é de toda a justiça salientar, entre outras, a iniciativa do Secretariado ao organizar, neste momento, uma exposição retrospectiva da obra do malogrado pintor Mário Eloy e cujo espólio artístico é um tes-

temunho iniludível da benéfica acção do Estado neste sector de vida do espírito. O singularíssimo certamente, patente num dos salões do S. N. I., apresenta muitas das telas de Mário Eloy, algumas das quais são, de há muito, propriedade do Secretariado — o organismo que possibilitou a floração deste valor primacial da moderna pintura portuguesa.

Continua, pois, o Secretariado Nacional da Informação a executar, rigorosamente, aquela Política do Espírito que é missão de superior alcance nacional e da mais nobre intenção cultural.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

CIPRESTE

Inédito de RITA DE LARA

A' beira de um sepulcro abandonado, alheio à chuva, alheio ao sol e ao vento, mora um velho cipreste abandonado — êxule asceta, mudo e pachorrento.

Ei-lo, esguio fantasma, ao chão cravado, numa atitude real de alumbramento, como a querer — calceta infornado — galgando o espaço, alar-se ao firmamento.

Jamais se curva. Alevantado, em riste, cumpre, sem medo, a rígida sentença do seu destino eternamente triste.

Velho cipreste, solitário amigo!
Do meu viver na soledade imensa,
como quizera me parecer contigo!...